

## Nota Introdutória

O que é a antropologia? A resposta a esta pergunta tomou aqui a forma de um texto concebido como registo desenvolvido de um programa de sensibilização inicial e genérica à linguagem antropológica<sup>1</sup>. Procurou-se essa aproximação através da questão, nuclear a esta área do saber, da *diversidade*, do balanço entre o universal e o particular, caminhando de problemas transversais para temas particulares que os ilustrem em âmbitos mais específicos. Trata-se de um tipo de introdução à disciplina pensado para estudantes e profissionais de outras áreas que não necessariamente a antropologia social e cultural, mas que queiram recorrer a ela como um instrumento complementar de compreensão e leitura crítica do mundo contemporâneo.

Embora vise um acesso simples a conceitos e temas fundamentais da disciplina, assim como às perspectivas que os geraram, não é um pacote pronto a armazenar, mas uma via de entrada que passa sobretudo por fornecer não mais do que as balizas, os eixos de reflexão, um fio de organização de leituras - em suma, uma identificação da paisagem desta área do saber e linhas de orientação que tornem possível aos leitores prosseguirem depois por si próprios no aprofundamento do que entenderem mais útil e relevante, ou mobilizarem futuramente de maneira autónoma esse conjunto de balizas no mundo do trabalho.

Tendo em conta a variedade possível dos destinatários, procurou-se privilegiar problemas e debates não tanto como eles se configuraram historicamente no interior da disciplina, mas sim como contributos críticos para confrontar ideias feitas na leitura da atualidade, estereótipos e lugares comuns entranhados na perceção e no discurso sobre a cultura e a diversidade, e as camadas de etnocentrismo e sociocentrismo sedimentadas na esfera mediática. O progressivismo e o primitivismo, a dicotomia nós/outros, noções essencializadas de cultura, tradição e modernidade, ideias naturalizadas de "raça", género e família, visões substancialistas da identidade e da diferença, são alguns exemplos de esquemas de pensamento com circulação corrente na arena pública.

O guia encontra-se dividido em diferentes blocos, por sua vez subdivididos em módulos. O primeiro bloco, *O Universal e o Particular: Conceitos e Debates Fundamentais*, destina-se a abordar um conjunto de problemas e conceitos implicados na reflexão sobre a diversidade. Depois de situar a especificidade que caracteriza o ponto de vista e a abordagem antropológicos, trata-se de começar por apresentar a uma luz crítica algumas das grandes dicotomias que têm organizado o pensamento sobre essa diversidade, e que se alinham, grosso modo, sob a dicotomia nós/outros. Apesar de várias dessas dicotomias serem de natureza analítica (ideal-típica), nem por isso elas deixaram de induzir e reforçar um olhar redutor e reificador sobre os outros.

---

<sup>1</sup> Este texto tem origem, de facto, num programa de uma disciplina de antropologia elaborado para fins de provas de agregação de Manuela I. Cunha. Em razão deste propósito didático, os conteúdos são acompanhados não só de secções de discussão prática focada em certos textos, como da indicação de leituras e fontes de informação complementares. A seleção da bibliografia regeu-se por um princípio de economia, limitando as referências ao mínimo essencial em cada módulo, mas fornecendo também vias para prosseguir um interesse mais desenvolvido sobre um tópico através de uma secção de "leituras aprofundadas". No caso de textos em língua estrangeira procurou-se também indicar, sempre que possível, as traduções disponíveis em português ou espanhol. Para cada módulo, e consoante o conteúdo em causa, procurou-se fazer figurar lado a lado referências clássicas e contemporâneas e, sempre que possível, permitindo fazer a ponte entre obras de base e contextualizações mais específicas, de carácter regional ou temático.

Procura-se em seguida traçar um panorama curto e genérico da história das ideias em antropologia, apresentando-a em grandes balizas e fazendo-o essencialmente de maneira contrastiva, salientando as grandes linhas de convergência e divergência entre autores e escolas de pensamento. O percurso por essas correntes é necessário para familiarizar os leitores não só com os diferentes estilos de interrogação e teorização da diversidade, quais as zonas da realidade que dão a ver e quais escondem, mas também com conceitos que surgirão adiante na abordagem de outros temas. Porém, o objetivo principal é o de fazer uma “arqueologia” de noções com forte implantação no senso comum e que circulam na esfera pública e mediática, desde a noção de “primitivo” até à noção de “cultura”. Sacrificou-se a precisão do pormenor -- por vezes até à simplificação grosseira - em favor de uma percepção de conjunto eficaz. Também por isso este percurso contrastivo não é linear (“pais fundadores” como E. Durkheim e M. Mauss, por exemplo, figuram noutras secções, a outros propósitos). É ainda por razões de eficácia que nas primeiras etapas deste guia se faz uma utilização provisoriamente essencialista de noções como “as culturas”, ou o “Ocidente”. Além de ela ser por vezes um efeito do próprio léxico da corrente de pensamento focada, não é contraproducente começar por partir dos quadros de referência do senso comum para depois melhor os desconstruir.

A tensão entre a universalidade e a diversidade cruza-se com o jogo das identidades e das diferenças - desde as mais naturalizadas, como a de género e “raça”, até outras supostamente mais ancoradas na história e na cultura. Este percurso, juntamente com o enfoque temático que lhe sucede, permitirá desembocar de maneira mais sólida no último bloco, *Usos e Sentidos da Cultura*, que culmina com a abordagem a dois níveis da noção de cultura – i.e. na teoria antropológica e na política da identidade - e dos usos e implicações desta em debates contemporâneos, como os relacionados com os direitos humanos. Tal percurso também equipa os leitores para o debate acerca dos efeitos da globalização na diversidade, bem mais complexos do que a presumida homogeneização de visões do mundo e modos de vida, e que uma distinção entre tradição e arcaísmo contribui para enquadrar. Será também relevante para uma compreensão aprofundada dos processos sociais e culturais implicados nas tecnologias, representações, produções e receção mediáticas, ou dos modos como essas tecnologias afetam - e são afetadas por outras - sociedades.

Um curto segundo bloco, *Temas e Contextos da Diversidade*, procura trabalhar a um nível mais específico e a título meramente exemplificativo a base teórica genérica e transversal, tratando de expressões da diversidade em temas e contextos mais delimitados. Subordinando a abordagem destes à mesma problematização do par *unidade/diversidade*, o objetivo é sobretudo o de quebrar *em contexto* a linha de partilha *nós/outros* enunciada de início, por exemplo questionando a universalidade de certas noções ou a pertinência de algumas oposições, sem deixar de procurar fazer essa problematização à luz de questões da atualidade. Não se pretende, pois, traçar um estado da arte de cada um desses âmbitos. De resto, numa renovada vitalidade, cada um deles conheceu uma proliferação de temas e perspetivas difícil de abarcar neste contexto sem redundar num tratamento superficial. É ainda de precisar que tais âmbitos figuram aqui como correspondendo a meras sedimentações temáticas no interior da disciplina. Não são entendidos como “campos funcionais”, ou funcionalmente diferenciados de antemão, à maneira funcionalista. Há muito que a antropologia tem vindo a problematizar a existência “dada” - e universal - dessas esferas, a dissolver e a recombinar as suas fronteiras (cf. Collier e Yanagisako 1987). Tal reflexão perpassa também, pois, na abordagem que deles se procura fazer aqui.